

## CONTRIBUIÇÃO DAS MARCAS DE PROVENIÊNCIA NA RESSIGNIFICAÇÃO DE ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS: UM ESTUDO NA COLEÇÃO VITAL BRAZIL DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO BUTANTAN<sup>1</sup>

**Resumo:** Identificar as marcas de proveniência existentes nos livros da Coleção Vital Brazil do Instituto Butantan é o objetivo deste artigo. Constatou-se que os exemplares que compõem a coleção apresentam uma gama diversificada de marcas de proveniência, entre as quais etiquetas de livrarias; selos do extinto setor de Gráfica e Encadernação da instituição, permitindo resgatar vestígios que relacionam a Biblioteca a outros setores, favorecendo a preservação da memória de uma área que atuou diretamente com o acervo; e inscrições ainda sob análise, como marcações numéricas que podem remeter a indicações temporais e organizacionais das obras em que estão presentes, o que favorece múltiplas possibilidades de pesquisas, configurando-se como objeto de estudos a partir de diversos prismas. Identificou-se 22 exemplares dedicados a Vital Brazil, dentre os quais 10 foram escritas pelos próprios autores das publicações. Conclui-se as marcas de proveniência, a nosso ver, têm dupla função informativa: na perspectiva administrativa, evidenciam o processo de institucionalização ao qual o livro foi submetido, na medida em que definem propriedade e atribuem à obra o sentido de pertencimento à coleção; e na perspectiva histórica - temporal, possibilitam evidenciar as múltiplas interações ao longo do tempo, portanto contextualizadas, entre o livro, os autores, os proprietários (individuais ou institucionais) e os leitores, e, com isso, conferem outros significados à obra, o que possibilita a construção de uma narrativa para além de critérios meramente administrativos de desenvolvimento de coleções e define seu potencial de contribuir para a ressignificação dos acervos.

**Palavras-chave:** Brazil, Vital, 1865-1960. Marcas de proveniência. Bibliotecas particulares. Acervos científicos.

**Joice de Medeiros**  
Bacharela em Biblioteconomia  
Instituto Butantan  
orcid 0000-0002-3047-419X  
joicemedeiros24@gmail.com

**Asa Fujino**  
Doutora em Ciências da Comunicação  
USP  
orcid 0000-0003-0652-5222  
asa.fujino@gmail.com

## THE CONTRIBUTION OF PROVENANCE MARKS TO THE RE- SIGNIFICATION OF BIBLIOGRAPHICAL COLLECTIONS: A STUDY OF THE VITAL BRAZIL COLLECTION OF THE INSTITUTO BUTANTAN LIBRARY

**Abstract:** The objective of this article is to identify the provenance marks in the books of the Vital Brazil Collection of the Instituto Butantan. It was found that the copies that make up the collection present a diverse range of provenance marks, including bookstore labels; stamps of the extinct sector of Printing and Binding of the institution, allowing the retrieval of traces that relate the Library to

<sup>1</sup> O texto tem como base Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Joice de Medeiros, desenvolvido sob orientação da professora Asa Fujino, para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2020.

other sectors, favoring the preservation of the memory of an area that worked directly with the collection; and inscriptions still under analysis, as numerical markings that may refer to temporal and organizational indications of the works in which they are present, which favors multiple possibilities of research, configuring themselves as an object of studies from different perspectives. We identified 22 copies dedicated to Vital Brazil, among which 10 were written by the authors of the publications themselves. We conclude that the marks of provenance, in our view, have a double informative function: in the administrative perspective, they evidence the process of institutionalization to which the book was submitted, insofar as they define property and attribute to the work the sense of belonging to the collection; and in the historical - temporal perspective, they make it possible to evidence the multiple interactions over time, therefore contextualized, between the book, the authors, the owners (individual or institutional) and the readers, and, with this, they confer other meanings to the work, which enables the construction of a narrative beyond merely administrative criteria of collection development and defines its potential to contribute to the re-signification of the collections.

**Keywords:** Brazil, Vital, 1865-1960. Provenance marks. Private libraries. Scientific collections.

## 1 INTRODUÇÃO

O livro é marcado por uma dualidade por se constituir como um suporte informacional e simultaneamente como objeto de registro de memórias, através das marcas de proveniência depositadas em sua materialidade, conferindo voz a tal objeto e possibilitando acessar fragmentos de sua jornada. Neste contexto, apresenta-se uma reflexão sobre as marcas de proveniência e sua relação com a história e a gestão de acervos, a partir do estudo de uma coleção bibliográfica analisada sob os aspectos de sua materialidade.

O artigo está organizado em duas partes, combinando referencial bibliográfico e um estudo de caso. A primeira propõe uma reflexão sobre a contribuição das marcas de proveniência bibliográfica na ressignificação de acervos e divide-se conceitualmente em três eixos: a gestão de acervos bibliográficos, sob a perspectiva do livro para além do conteúdo impresso; o livro como objeto portador de histórias e memórias; e as marcas de proveniência, destacando algumas de suas múltiplas potencialidades. Na segunda parte apresenta-se um estudo realizado com a Coleção Vital Brazil (CBV), conjunto de itens bibliográficos cuja proveniência está vinculada ao cientista Vital Brazil Mineiro da Campanha (1865-1950), médico sanitarista, fundador e primeiro diretor do Instituto Butantan, criado oficialmente em 23 de fevereiro de 1901, via decreto nº 878-A, como Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo, localizado na capital paulista.

Grande parte dos livros que compõem a coleção foram doados pelo cientista em 1917, e, assim como os demais, foram incorporados ao patrimônio do Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo, atualmente denominado Instituto Butantan. A partir de uma breve

narrativa sobre a formação da coleção e a análise de um conjunto de marcas de proveniência, busca-se evidenciar sua performance no processo de formação e ressignificação de acervos, e através de uma leitura contextualizada, desvelar a articulação desses elementos com a trajetória do colecionador, Vital Brazil, da instituição e da Biblioteca, a guardiã da coleção.

## **2 GESTÃO DE ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS: UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA ADMINISTRATIVA VERSUS A PERSPECTIVA HISTÓRICA**

Acervo bibliográfico é um termo composto, formado pela combinação dos vocábulos *acervo* e *bibliográfico*, este qualificando o substantivo ao qual está agregado. No *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico*, Faria e Pericão (2008) definem *acervo* como “conjunto de bens culturais que foram acumulados ao longo dos anos por herança ou tradição. Aquilo que faz parte de um patrimônio”. *Acervo bibliográfico*, por sua vez, é definido como “conjunto de livros, folhetos, etc. que uma biblioteca possui para uso dos leitores; é também designado por fundo bibliográfico” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 30). Diante de tais acepções, é possível depreender a perspectiva patrimonial embutida no conceito de acervo bibliográfico, assim como da noção de conjunto, isto é, da somatória de itens bibliográficos disponibilizados à comunidade de usuários.

Normalmente as bibliotecas organizam seus acervos bibliográficos em coleções, nas quais os itens são reunidos a partir de traço(s) compartilhado(s). A gestão de acervos bibliográficos estabelece procedimentos que devem ser tomados em prol do gerenciamento de acervos e do desenvolvimento de suas coleções. Tais práticas amparam-se em seis etapas principais interdependentes, constituídas por estudo da comunidade, políticas de seleção, seleção, aquisição, avaliação, desbastamento e descarte, vinculadas a eixos complementares, como a conservação e a preservação, conforme abordado por Weitzel (2006). A autora destaca a necessidade de produção de um documento formal, elaborado pela equipe responsável pela gestão do acervo e alinhado aos interesses da instituição mantenedora e da comunidade de usuários, denominado política de desenvolvimentos de coleções “um instrumento necessário para garantir a consistência e permanência do processo de desenvolvimento de coleções em uma biblioteca” (WEITZEL, 2006, p. 18), a fim de apoiar no processo de tomada de decisões.

Cada uma das etapas incorpora um elemento de ação: selecionar, adquirir, avaliar, desbastar, descartar. Tendo em vista que cada ação poderá implicar mudanças irreversíveis, é imprescindível o conhecimento sobre o objeto em análise, afinal como determinar o destino de um acervo sobre o qual não se conhece? O conhecimento sobre as áreas do saber por ele contempladas, os dados quantitativos de exemplares, a atualidade da informação e os indicadores de consulta e empréstimos seriam suficientes para justificar a formação ou rearranjo de coleções, a permanência ou a saída de determinado exemplar? Vistas sob uma perspectiva meramente administrativa, as questões apresentadas poderiam constituir exemplos de critérios norteadores para tomadas de decisões, no entanto, ampliando-se o olhar sobre livro, captando sua dimensão como objeto capaz de congregiar elementos além do texto impresso, rompe-se com este paradigma reducionista que minimiza suas potencialidades.

Santos e Weitzel (2017), discutem a problemática em torno dos livros impressos do século XX. No cerne da questão está o movimento de descarte que tem afetado tais publicações. De acordo com a autoras, diante de uma conjuntura em que a informação é considerada um *commodity* e do protagonismo desempenhado por novas tecnologias, livros impressos publicados no século passado têm sido alvo dos movimentos de descarte pelo descarte, ou seja, “sem fazer parte do processo de gestão ou desenvolvimento de coleções incluindo estabelecimento de critérios e políticas adequadas”. (SANTOS, WEITZEL, 2017, p. [3].). Publicações com uma trajetória mais recente, em particular as novecentistas, como ressaltam as autoras, não têm sido consideradas pelos gestores de bibliotecas como potencialmente especiais, raras ou patrimoniais, e o descarte de tais acervos, muitas vezes fomentado por pressões em torno da falta de espaço e das despesas para o armazenamento e a manutenção, pode representar danos irreparáveis à memória da ciência, da pesquisa, e da própria instituição responsável pela sua guarda e preservação.

As autoras observam que, em oposição aos movimentos de descarte, estudiosos buscam evidenciar a necessidade de preservar as coleções bibliográficas conforme critérios que precisam ser estabelecidos pelas bibliotecas responsáveis por esses acervos. Assim, “a gestão de coleções pode minimizar a perda desse patrimônio, a partir de ações dedicadas a esses itens, que estabeleçam critérios [de] descarte e/ou preservação”. (SANTOS, WEITZEL, 2017, p. [3].)

Por outro lado, Murguia (2009) chama a atenção para uma abordagem do livro para além da informação, apresentando conceitos interligados aos campos da cultura material e do

coleccionismo bibliográfico. Segundo o autor, desde os primórdios da Ciência da Informação, privilegiou-se a informação, de maneira que o suporte e a materialidade do livro passaram a um plano secundário. Somado a isso, e à luz de Vergueiro (1989) e Andrade e Vergueiro (1996), o autor observa que a Biblioteconomia embasou as práticas de desenvolvimento de coleções afinada às tendências dos estudos de planejamento e administração, apoiados em práticas vindas da Administração, de tal modo que os estudos biblioteconômicos deram ênfase ao planejamento das coleções, aperfeiçoando-se modelos, métodos e técnicas, sob uma perspectiva quantitativa.

Na perspectiva de Murguia, a Biblioteconomia ao incorporar o *modus operandi* vindo da Administração, pautou-se pela dinâmica da “produtividade, no menor custo e tempo possível” (MURGUIA, 2009, p. 95). Dentro desse modelo, desviando o olhar do livro para focar em outros aspectos, as coleções bibliográficas foram estudadas de modo a-histórico, “esquecendo suas origens e seus percursos” (MURGUIA, 2009, p. 95). Neste sentido, o autor alerta para o fato de que desconhecer e mesmo desconsiderar a trajetória das coleções implica em dificuldades na concepção de etapas posteriores, tendo em vista que:

[...] conceber os objetivos de uma biblioteca, de um museu e mesmo da política de suas coleções necessitamos saber, antes, como essas coleções se formaram. Pois é exatamente a dinâmica dessas coleções que imprimem seus objetivos e suas políticas. Assim, a Biblioteconomia se interessou em menor escala pela formação das coleções, sem perceber que é justamente o motivo que leva alguém a colecionar que, posteriormente, determinará os objetivos da coleção. (MURGUIA, 2009, p. 95)

A respeito da importância sobre conhecer as coleções e o processo como elas se formaram, Azevedo (2010) complementa e estabelece uma analogia entre os fazeres do arqueólogo e do bibliotecário, ambos apoiados na análise de vestígios materiais, a fim de resgatar narrativas “soterradas”.

Há qualquer coisa de arqueologia quando se pensa a formação e o desenvolvimento de uma biblioteca histórica e patrimonial. Ao fazer uma escavação, o arqueólogo depara-se com camadas que foram se sobrepondo ao longo do tempo e formando uma estrutura, que ao olhar rápido se revela sólida. *Mutatis mutandis* assim são as bibliotecas. Nelas, as camadas seriam os acervos que foram se incorporando para constituir um *corpus* “único” e aparentemente compacto. **Assim como ao primeiro profissional cabe a prospecção, do bibliotecário é esperado que conheça as fases e etapas**

**dessa sedimentação de coleções que compõem a biblioteca que está sob sua guarda.** (AZEVEDO, 2010, p. 242, grifo nosso).

Ainda segundo o autor, “no âmbito de uma “arqueologia biblioteconômica”, descobrir o processo de formação e desenvolvimento de uma coleção é de importância ímpar, pois ao se conhecer as coleções que formam o seu *corpus*, a biblioteca cresce e se complementa como um organismo vivo”. (AZEVEDO, 2010, p. 234).

Assim, a nosso ver, o olhar retrospectivo sobre a formação do acervo possibilita valorizar aspectos não contemplados pela visão administrativa e uma leitura histórica, conforme apontado por Murguia (2009), mas também contextualizada das diferentes variáveis que impactaram seu processo de formação. De fato, a gestão de acervos bibliográficos opera, não raro, com livros que faziam parte da esfera particular, que pertenciam a uma biblioteca pessoal e que em um determinado momento foram institucionalizados; ou com livros que compunham coleções de bibliotecas de outras instituições e foram incorporados ao acervo, sinalizando, muitas vezes, o desaparecimento de tais instituições, ao menos na esfera administrativa, mas cujos livros permanecem como testemunhas concretas das suas atividades.

Moraes em *O bibliófilo aprendiz* (2005) ou “prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros”, reforça tal leitura ao mencionar que:

Quando se estuda a história das grandes bibliotecas do mundo, das grandes bibliotecas nacionais que fazem o orgulho de muito povo, vê-se logo que elas se formaram, tendo como base uma coleção particular e foram se enriquecendo com a aquisição ou doação de outras coleções particulares. (MORAES, 2005, p.17)

Cataldo e Loureiro (2019), por sua vez, apontam para outras dimensões de ressignificação de acervos que se tornam possíveis dentro processo de análise da formação de coleções na perspectiva histórica. Iniciativas individuais de colecionadores podem vir a fomentar o patrimônio bibliográfico de outros acervos, ainda que frequentemente essa cooperação seja indireta, ocorrendo muitas vezes por meio de doação ou aquisição *post mortem*, através de tramitações realizadas após a morte do colecionador. Independentemente das circunstâncias de chegada, os autores apontam que esses livros “trazem consigo o lastro

de seus donos e estão impregnados de memória que em muitos casos conferem aos livros uma identidade” (CATALDO; LOUREIRO, 2019, [p.6]).

Neste sentido, tais bibliotecas operam como guardiãs de memória social e institucional, de forma que a gestão de coleções necessita contemplar os aspectos extratextuais, tendo em vista que os livros percorreram uma jornada anterior à incorporação ao acervo e, compondo novas camadas, prosseguem sua caminhada reunindo elementos representativos da nova realidade em que estão inseridos. Assim, tais coleções compõem o patrimônio bibliográfico de uma instituição e mesmo de uma nação, guardam singularidades que os diferenciam e os destacam perante outros acervos e sua perda pode levar a danos irreparáveis. Nesse sentido, uma abordagem do livro como artefato dotado de elementos que ultrapassam a informação impressa, deve ser considerada no processo de confecção de uma política significativa de gestão, desenvolvimento e preservação de acervos, de forma que as decisões sejam tomadas a partir de critérios adequados, visando a valorização e a salvaguarda do patrimônio bibliográfico.

### **3 O LIVRO CONTA SUA PRÓPRIA HISTÓRIA**

A primeira acepção do verbete “livro” no *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico* remete à sua materialidade, apresentando-o como “conjunto de cadernos, manuscritos ou impressos, costurados ordenadamente e formando um bloco” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 458). Do ponto de vista do processo de produção, desdobra-se em três formatos: livro manuscrito “livro escrito antes do aparecimento da imprensa ou nessa época; manuscrito”, o livro impresso “livro produzido por meio de caracteres tipográficos ou processo semelhante” e o livro eletrônico “aquele em que as palavras ou códigos foram substituídos pelos de uma outra linguagem ou código legível por máquina. Surgiu como alternativa ao livro, texto e documento em suporte papel” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 467-468). Este último, apesar de anular o suporte em papel, inspira-se no formato de seus antecessores, mimetizando características como o folhear das páginas.

A confecção do livro manuscrito confere-lhe uma natureza singular, tendo em vista que é um objeto manufaturado, consistindo em item único, sem igual. O livro impresso está inserido em outra lógica, a da reprodutibilidade. Se por um lado o processo industrial equaliza especificidades através da impressão de cópias idênticas, por outro, permite maior

disseminação e circulação desse objeto. Assim, o livro impresso não é um objeto singular nato, mas encontra na jornada pós-processo editorial possibilidades de tornar-se único e insubstituível, suporte de memórias. A materialidade é seu grande diferencial se comparado ao livro eletrônico, pois é nela que estão registradas todas as formas de contato que estabeleceu no decorrer de sua trajetória.

Estudar o livro como objeto, com ênfase no suporte e na materialidade, nos coloca perante o mundo da cultura material, expressão que “refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado” sendo o artefato um dos componentes mais importantes, conforme Meneses (1998, p. 100). O autor observa que no âmbito da cultura material, qualquer objeto pode funcionar como documento, entendido como “um suporte de informação” (MENESES, 1998, p. 95).

Complementarmente, em *Afinal, os objetos falam?: reflexões sobre objetos, coleções e memória*, Cataldo e Loureiro (2019) propõem a ideia do livro como objeto a ser trabalhado também no campo da Biblioteconomia, tendo em vista que “se os objetos podem ser tratados como documentos, está implícito que eles têm algo a dizer” e “ao estender a reflexão aos livros, entendidos aqui também como objetos, está implícito que muitas das vezes eles transmitem algo além de seu conteúdo impresso.” (CATALDO; LOUREIRO, 2019, p. [2]).

O verbo falar é empregado com sentido figurado, vinculado à fala simbólica dos objetos, que no caso do livro encontra no estudo das marcas de proveniência bibliográfica possibilidades de dar voz a narrativas outrora silenciadas entre as estantes de um acervo. De acordo com os autores, livros que compõem coleções falam em conjunto, podendo “guardar e revelar as memórias de seus donos” ou de modo individual, contando suas próprias histórias até integrar a coleção (CATALDO; LOUREIRO, 2019, p. [6-7]).

Documentos de nascença, conforme Meneses (1998, p. 95), são engendrados com o propósito de registrar informação, podendo, ainda, “fornecer informações jamais previstas em sua programação. Desse modo, o livro impresso mobilizado como documento, é duplamente suporte informacional, é a base física em que se registra a informação impressa, produto da atividade intelectual, conteúdo cuja responsabilidade normalmente atrela-se à figura de um autor. É também o suporte de informações depositadas posteriormente ao prelo, cujas origens podem remeter a diferentes indivíduos e instituições pelas quais passou, assim como a diversos episódios em que esteve envolvido.

Meneses observa que os objetos têm uma trajetória, uma biografia, e para traçá-la e explicá-la é necessário “examiná-los em ‘situação’, nas diversas modalidades e efeitos das apropriações de que foram parte. Não se trata de recompor um cenário material, mas de entender os artefatos na interação social” (MENESES, 1998, p. 92). Em todas as etapas que compõem o processo de concepção e produção do livro, está presente a ação humana, mas entendemos que é no universo exterior ao recinto da impressão textual, o artefato na interação social, que o livro estará sujeito a transformações de toda a ordem, inclusive de *status*, caso das obras raras e especiais. No bojo desta ressignificação, geralmente, está a presença das marcas de proveniência bibliográfica, registros que assinalam a interação homem-artefato.

A literatura apresenta exemplos de livros que superaram situações adversas, transpuseram o fator temporal, ultrapassaram o período de vida de seus antigos donos, circularam entre diferentes mãos e locais e chegaram aos dias atuais como relíquias, portavozes de tempos longínquos, capazes de suscitar novas pesquisas e descobertas. Assim é a história do exemplar de *The Remains of Henry Kirke White* (1810), que pertenceu à senhora Maria Brontë, mãe dos irmãos Brontë.

Ao ler a trajetória do exemplar registrada em *Os manuscritos perdidos de Charlotte Brontë* (2019), podemos observar que se trata de um objeto portador de uma narrativa surpreendente que expressa a dimensão do livro impresso como artefato capaz de congrega elementos não previstos em seu processo de confecção. Heritage (2019) traçou o percurso do livro contemplando aspectos da sua materialidade e operando com a noção de livros que se assemelham a sítios arqueológicos, na medida em que as alterações promovidas por diferentes mãos são como camadas de resíduos históricos. No *The Remains* dos Brontë estão registradas diferentes formas de interação, que evidenciam sua atuação como repositório alimentado pelo grupo familiar, receptáculo de comentários e anotações, circulando entre pai e filhos também como objeto de memória, após a morte da matriarca da família. Somado a isso, nele também estiveram depositados os manuscritos perdidos de Charlotte, um fragmento em prosa e um poema inéditos, assim como outras inscrições e inserções posteriores, provenientes de colecionadores que interagiram com o exemplar.

Heritage chama a atenção para a prevalência do livro impresso, assim como para a pluralidade de vestígios nele presentes que, em nosso entendimento, permitem redimensioná-lo e ressignificá-lo:

[...] os livros impressos servem como tabuletas e receptáculos, trazendo não só as palavras de seus autores e a prova de sua fabricação, como também várias marcas de uso deixadas pelos seus antigos leitores e donos: inscrições, palavras apagadas, anotações feitas à margem, rabiscos, marcações, páginas dobradas, e acréscimos externos, como marcadores, fotos ou plantas prensadas; também podem apresentar omissões, como folhas ou imagens faltando. Esses traços físicos sobrevivem para serem encontrados por futuros leitores, criando uma ligação tangível adicional com o passado (HERITAGE, 2019, p. 26).

Diante do exposto, fica evidente que os livros não devem ser avaliados apenas com base no conteúdo publicado, ainda que esta seja uma prática comum entre os exemplares institucionalizados. A autora lembra que geralmente o que se perde quando o livro passa a compor o acervo de uma instituição são as histórias de seus antigos proprietários. Com o tempo, essas narrativas são “apagadas, negligenciadas ou esquecidas, juntamente com os ricos detalhes dos outros objetos e das vidas particulares que foram tocadas, e talvez até moldadas, por algo que não está mais entre eles” (HERITAGE, 2019, p. 69). Felizmente, esta não é a situação do *The Remais* em questão, tendo em vista que após ser adquirido pelo Brontë Parsonage Museum em 2016, retornando ao lar após mais de cento e cinquenta anos passados entre acervos particulares de colecionadores, tem sido pesquisado e desvela sua incrível jornada.

O *The Remais* da família Brontë é um exemplo impactante, uma descoberta com grande repercussão literária e histórica, cujo interesse não se restringe ao seu país de origem. Foi evocado, aqui, como forma de ilustrar a complexidade do objeto livro e como um convite para a partir do “global” refletir sobre o “local”. Quais narrativas guardam os exemplares da biblioteca sob a sua gestão? Fornecem informações não previstas? O que dizem sobre a trajetória de leitores com os quais interagiram e instituições que os receberam? De que forma eles podem contribuir para fortalecer e fomentar novos projetos idealizados pela unidade de informação? Em suma, o que propomos aqui, é uma reflexão sobre a amplitude potencial de produzir ressonâncias que os livros têm, quando vistos em perspectiva histórica e contextualizada no interior das coleções que integram.

#### 4 MARCAS DE PROVENIÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E O POTENCIAL DE CONTRIBUIÇÃO PARA RESSIGNIFICAÇÃO DE ACERVOS

Nas seções anteriores buscou-se ampliar o olhar sobre o livro, de modo que a sua vertente como objeto dotado de informações que não se restringem ao conteúdo impresso e como portador de uma trajetória singular, seja considerada nas práticas voltadas ao gerenciamento de acervos. Como artefato passível de transformações a partir da interação social, encontra nas marcas de proveniência bibliográfica diferentes registros dessa dinâmica. Assim, convém melhor abordar sobre o que são estes elementos, a fim de salientar a sua performance na ressignificação de acervos bibliográficos, de modo que possam figurar entre os critérios que irão embasar as tomadas de decisões no processo de formação e desenvolvimento de coleções.

No *Dicionário do livro*, o termo “proveniência” é definido como “informação acerca da transmissão de propriedade de um manuscrito ou impresso. Uma encadernação especial com super-livros, ex-libris, carimbo, selo branco ou qualquer inscrição de anteriores possuidores pode indicar a proveniência [...]. fonte; origem; procedência” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 605). Este excerto permite depreender a noção de transmissividade embutida no conceito de proveniência, assim, possuir o objeto seria um evento temporário, uma vez que este está em movimento, e ao interagir com diferentes sujeitos guarda consigo informações que remetem à procedência e às várias formas de apropriação.

Evidências físicas depositadas no livro permitem acessar a informação sobre a proveniência do exemplar. Tais evidências assumem uma variedade de formas, podendo manifestar-se através de um ex-libris, de uma assinatura, de inscrições, de marginálias<sup>2</sup>. (OVERMIER; SENTZ, 1987; OVERMIER; DOAK, 1996). Cataldo e Loureiro (2019) as denominam de “marcas de proveniência bibliográfica”, apresentadas como “indícios que podem colaborar para a construção de uma narrativa histórica de determinado exemplar” (CATALDO, LOUREIRO, 2019, [p. 11]).

Nesse sentido, o livro atua como um repositório de elementos extrínsecos, acrescidos no contexto interacional, seja na esfera particular, circunscrito às coleções pessoais, ou na institucional. Diferentes formas de contato promovem uma multiplicidade de marcas de

---

<sup>2</sup> Marcas de leitura, “termo que designa “coisas escritas na margem”. Refere-se tanto à escrita como à decoração colocada nas margens de um manuscrito. [...]”. (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 485).

proveniência bibliográfica, como as manifestações supracitadas, que englobam carimbos, assinaturas e ex-libris, além de outras como selos de livrarias, etiquetas etc.

Pearson (2019) observa que escrever o nome sobre um livro consiste na forma mais simples e comum de indicação de propriedade. O autor menciona que também é comum a inserção de etiquetas com o nome do proprietário impresso ou formas mais elaboradas como os ex-libris, uma das indicações de proveniência mais estudadas e colecionadas, cujas origens remontam à Alemanha, por volta do final do século XV. Segundo Pearson, pode haver variedade quanto às definições de ex-libris, no entanto, normalmente, compartilham a concepção de que se trata de uma “etiqueta de propriedade impressa a partir de um bloco de metal ou madeira, gravado ou entalhado. O *design* geralmente é armorial<sup>3</sup> ou pictórico, podendo incorporar o nome ou as iniciais do proprietário” (PEARSON, 2019, p. 68, tradução nossa)<sup>4</sup>. Faria e Pericão observam que ex-libris “literalmente, é uma expressão latina que significa dos livros de”. O ex-libris serve para designar toda a menção de posse de um livro [...]”. (FARIA, PERICÃO, 2008, p. 321).

Em perspectiva histórico-social, Cortes e Nunes (2020) operam com o conceito de ex-libris como mediador social, transmitindo informações e valores, conectando o indivíduo que deseja marcar a posse ao artista que irá representá-lo, combinando signos icônicos e linguísticos que simbolizam a identidade do sujeito representado, o que transcende o registro de propriedade, permitindo acessar perfis no contexto em que estão inseridos. “O ex-libris é assim, um mediador social, a partir de um indivíduo chega à sociedade, ou seja, parte de um universo individual que atinge um universo coletivo” (CORTES; NUNES, 2020, p. [14]).

Enquanto o ex-libris atua como representação do eu, a partir da percepção sobre si mesmo e do que se deseja externalizar, a dedicatória, por sua vez, manifesta a presença do outro (dedicador) e a percepção deste sobre o eu (dedicatário), de forma que a imagem do dedicatário se apresenta sob a ótica do dedicador.

Faria e Pericão (2008) definem dedicatória como “nota de autor que precede o texto de um livro, na qual ele oferece a um amigo ou protetor como sinal de estima, homenagem, amizade ou gratidão ou como agradecimento de patrocínio” [...]. Podem apresentar-se sob duas formas: impressas ou manuscritas”, também apresentam o verbete *dedicatória*

---

<sup>3</sup> Referente à brasão, ex-libris heráldico.

<sup>4</sup> “[...] a bookplate is an ownership label printed from an engraved or etched block which has been cut in metal or wood. The design is usually armorial or pictorial, and it normally (but by no means always) incorporates the owner’s name or initials.” (PEARSON, 2019, p. 68)

*autografada* “dedicatória manuscrita, seja da autoria do próprio autor da obra ou de uma pessoa que a oferece a outra” (FARIA, PERICÃO, 2008, p. 224).

Freire (2013) analisou as dedicatórias manuscritas presentes na biblioteca do escritor Manuel Bandeira, em seu estudo tais elementos foram mobilizados como fontes documentais, permitindo averiguar diferentes formas de representação e interação entre os sujeitos, constituindo-se como relações de poder, de afeto e de sociabilidade. Segundo a autora, historicamente as dedicatórias assinalavam o reconhecimento e a submissão do dedicador ao dedicatário. O conceito de dedicatário revela esta dinâmica, cujos atores em ação foram registrados na iconografia medieval, “o autor munido do livro aparece postado de joelhos na frente do dedicatário, geralmente uma pessoa altamente posicionada, rodeada pela sua corte ou santo patrono, num ambiente que dá marcas da recepção favorável da obra (FARIA, PERICÃO, 2008, p. 224).

Com o tempo, este caráter imagético abre espaço para o textual. Freire (2013) observa que no livro impresso a dedicatória se expressa em forma de texto, presente na página de rosto ou na folha subsequente, na qual o autor fazia menção ao homenageado. De acordo com a autora, em meados do século XIX as dedicatórias de cunho elogioso e laudatório começam a dar lugar a pequenos escritos, textos menos pretensiosos, direcionados a amigos e familiares, com o intuito de demonstrar afeto, admiração e cortesia. Não deixaram, no entanto, de ser um recurso para a obtenção de algo do dedicatário e “se diferencia da impressa por ser um escrito geralmente presente apenas na obra do dedicatário, o que confere ao exemplar uma identidade única” ademais, tendo em vista a maior aproximação entre dedicador e dedicatário, “a dedicatória se transformou em uma ferramenta capaz de revelar enlaces que podem favorecer o estudo da personalidade, do talento e da história tanto daquele que a elabora, quanto de quem a recebe.” (FREIRE, 2013, p. 38).

Freire também chamou a atenção para a estrutura formal da dedicatória manuscrita, assim, o início do texto geralmente apresenta preposições “de”, “para”, a combinação “ao” e a contração “à”, que subsidiam na identificação do gênero do dedicatário, seguidas por termos que inferem a relação entre o dedicador e o destinatário, como, por exemplo: “ao querido irmão”. Além do destinatário, normalmente está presente a informação de proveniência, através da assinatura ou rubrica de quem a escreveu e o itinerário, o local e a data do escrito. A tríade “proprietário/quem”, “local/onde” e “data/quando” é mencionada por Leung (2016)

como três eixos identificáveis através do estudo da proveniência dos objetos. Tais elementos e as relações que estabelecem entre si permitem acessar a jornada de um exemplar.

Outra maneira de registrar a posse é através da marcação com carimbo. Esta marca de proveniência, também presente em bibliotecas pessoais, é bastante comum em acervos institucionais. Pearson (2019), observa que “os carimbos de tinta, institucionais, têm sido onipresentes desde o século XIX como um método padrão para marcar a propriedade da biblioteca” (PEARSON, 2019, p. 119, tradução nossa)<sup>5</sup>. Além dos carimbos de tinta, livros são identificados com carimbos resultantes de outras técnicas de carimbagem, como o carimbo em relevo e o pontilhado. O carimbo marca um exemplar de forma permanente, é um recurso utilizado para atestar inquestionavelmente a sua procedência, somado a isso, pode, ainda, fornecer informações sobre as práticas biblioteconômicas desenvolvidas em determinados períodos, e contribuir para contar a narrativa histórica da própria biblioteca.

No entanto, Pearson (2019) menciona também alguns entraves que permeiam o estudo das marcas de proveniência bibliográfica, como evidências que foram perdidas, obliteradas, destruídas, ou, ainda que estejam na publicação, são de difícil compreensão, como inscrições registradas com caligrafia ininteligível. São inúmeras as razões em torno do apagamento e remoção de marcas de proveniência, o autor observa que “assim como muitas pessoas quiseram marcar sua posse sobre livros, proprietários subsequentes desejaram apagá-la, como parte do processo de registro de mudança” (PEARSON, 2019, p. 7, tradução nossa)<sup>6</sup>. São fenômenos que podem vir a compor a narrativa de um exemplar, e uma vez que tinha sido alvo de remoções intencionais associadas a determinado evento histórico, assume mais relevância do que outro que permaneceu intacto.

O autor aponta também a ausência de marcas de proveniência como outra constante, ao observar que muitos livros prolongaram-se aos seus antigos proprietários e chegaram aos dias atuais sem vestígios de apropriação, “deve-se reconhecer que há muitos donos de livros no passado, que possam ter tido bibliotecas consideráveis, cujas atividades a esse respeito

---

<sup>5</sup> “Institutional ink stamps have been ubiquitous since the nineteenth century as a standard method for marking library ownership.” (PEARSON, 2019, p. 119)

<sup>6</sup> “Just as many people have wanted to mark their ownership of books, subsequent owners have wished to obliterate it, as part of the process of registering the change.” (PEARSON, 2019, p. 7)

jamais serão conhecidas, porque seus livros estão sem marcas e foram dispersos sem registro remanescente” (PEARSON, 2019, p. 11, tradução nossa)<sup>7</sup>.

Cada leitor interage de forma única com o livro, havendo sempre um que opta por mantê-lo imaculado, ao passo que aquele que deixou registro de sua passagem, permitindo reconhecer os livros de sua coleção, abre uma janela para o estudo de sua personalidade, “conhecer os conteúdos de uma biblioteca pessoal tem relevância óbvia ao estudo da vida e do pensamento desse indivíduo” (PEARSON, 2019, p. 4, tradução nossa)<sup>8</sup>.

O caso exemplar de Mário de Andrade é relatado por Moraes (2005), que menciona a relação peculiar do escritor e poeta com livros de sua biblioteca:

Mário de Andrade era um bibliófilo requintado. Quando recebia um livro com dedicatória de um autor conhecido, guardava-o tal qual o recebera, sem abrir as folhas. Comprava outro exemplar e, nesse sim, fazia as anotações que desejava, riscava trechos, sublinhava palavras, enchia as margens de comentários. Não imaginava que suas anotações poderiam ter um imenso valor para o estudo de sua personalidade de crítico. Não lhe passava pela cabeça que entre os seus dois exemplares o mais valioso no futuro seria o anotado e rabiscado (MORAES, 2005, p. 86).

Segundo o bibliófilo, “a procedência de um livro só é valiosa quando lembra alguma coisa, quando evoca reminiscências do passado, lembranças de uma biblioteca famosa ou de algum fato histórico. Acrescenta ainda que “um livro com dedicatória do autor não tem somente mais encanto, mas vale muito mais. O ex-libris de um colecionador conhecido, colado num livro, valoriza-o”. (MORAES, 2005, p. 86). Faria e Pericão (2008) ao trabalharem com o conceito de proveniência afirmam que “reveste particular importância numa biblioteca, quando o exemplar pertenceu a uma personalidade conhecida que, eventualmente, aí terá consignado os seus comentários” (FARIA, PERICÃO, 2008, p. 605).

A presença de marcas de proveniência bibliográfica em um livro impresso é capaz de ressignificá-lo, promovendo sua ascensão de uma zona comum para uma esfera singular. Traçando um paralelo entre o conceito de aura benjaminiano (BENJAMIN, 1985), diante do qual objetos auráticos são autênticos, singulares e insubstituíveis e refletindo sobre a jornada do livro impresso, é possível verificar convergências.

---

<sup>7</sup> “It has to be recognized that there are many book owners of the past, who may have had sizeable libraries, whose activities in this regard will never be known because their books were unmarked, and dispersed without any surviving record.” (PEARSON, 2019, p.11)

<sup>8</sup> “Knowing the contents of someone’s library has an obvious relevance to the study of the life and thinking of that individual.” (PEARSON, 2019, p. 4)

A reprodutibilidade do objeto destrói a aura, torna passível de substituição aquilo que era sem igual. No contexto da produção livreira, o advento da imprensa no século XV promoveu intensas alterações no terreno da escrita e da leitura, ensejando novas formas de interação com o livro. Ao deixar de ser confeccionado de modo manufaturado e ser (re)produzido por meio impresso, o objeto livro declina de sua autenticidade e singularidade, sobretudo quanto à sua materialidade, tendo em vista a produção de exemplares com as mesmas características. Todavia, ao circular entre mãos, acervos particulares e institucionais, o livro adquire elementos, marcas de proveniência, que possibilitam sua ressignificação como único, singular e autêntico, ainda que possam figurar exemplares em outras bibliotecas, este se diferencia pelas marcas que embute e pela significância que assume na ambiência em que está inserido.

No que se refere às categorias “coleção de obras raras” e “coleção especial”, Cataldo e Loureiro (2019) apontam que em ambas, o estudo das marcas de proveniência bibliográfica está no bojo das reflexões que buscam distinguir um exemplar como raro e/ou especial. Assim, esses elementos integram critérios capazes de redirecionar o destino de um exemplar, cooperando para que sejam geridos sob outra perspectiva, pois uma vez atribuído o *status* de raro ou especial, o livro recebe tratamento diferenciado, a fim de salvaguardá-lo.

Do ponto de vista informacional e da prestação de serviços aos usuários, o livro com marcas de proveniência tem sua capacidade informativa ampliada, pois além de apresentar o conteúdo impresso, registrando traços socioculturais e saberes em vigência no período em que foi escrito, é depositário de informações acrescidas posteriormente, com grande potencial para a promoção de novas pesquisas e estudos, favorecendo a expansão do público de usuários, revelando o acervo a consulentes e pesquisadores interessados em marcas de proveniência como fontes documentais ou mesmo objeto de pesquisa. Quanto mais o livro apresenta possibilidades que despertam o interesse em sua consulta, mais robusto é o argumento em defesa de sua permanência no acervo e conseqüentemente a sua preservação, permitindo que a jornada desse objeto seja prolongada e possa acumular mais camadas de história. Assim, ao conhecer as coleções e as narrativas que cada exemplar embute em sua materialidade, o bibliotecário contribui para fortalecer a biblioteca como organismo vivo.

#### 4.1 A coleção Vital Brazil: breve panorama

Em 2019 a equipe da Biblioteca do Instituto Butantan deu início a um conjunto de atividades centradas no acervo, contemplando o inventário e o mapeamento dos itens bibliográficos. Somado a isso, buscou-se ampliar o conhecimento sobre tais itens, além dos dados quantitativos, possibilitando tomadas de decisões a partir de uma visão mais sistêmica. Este contexto favoreceu o desenvolvimento de coleções, entre as quais a Coleção Fundadora, cuja formação foi iniciada no primeiro semestre de 2020, possível através da articulação entre o inventário, o mapeamento das obras e uma lista de doação identificada em relatório institucional<sup>9</sup>, na qual está elencado um conjunto bibliográfico doado pelos doutores Vital Brazil, Octavio Veiga e Alvarenga em 1917<sup>10</sup>.

Além desses elementos, destaca-se a contribuição das marcas de proveniência bibliográfica, essenciais para a formação da coleção, permitindo verificar na materialidade dos livros evidências que os relacionam aos doadores e à doação, apresentando marcas de posse como assinaturas e carimbos que registram a institucionalização dos exemplares, informando dados que os livros de tombo não possuem, uma vez que não registram a procedência das obras, tendo em vista que são posteriores à chegada de tais exemplares. A coleção permite a sua distribuição em três coleções relacionadas aos seus antigos donos, destacando-se aqui a Coleção Vital Brazil (CVB).

Atualmente a CVB está composta por 102 itens que acompanharam o percurso acadêmico-científico-profissional de seu colecionador, desvelando repertórios temáticos que faziam parte de sua biblioteca. Dentre os 168 livros doados pelo cientista em 1917, 87 foram localizados e outros 15 exemplares foram incorporados à coleção, uma vez que embutem marcas de proveniência vinculadas a Vital Brazil, com assinaturas e dedicatórias direcionadas

---

<sup>9</sup> A listagem está presente no Relatório Anual de 1917, integrante do acervo do Centro de Memória do Instituto Butantan.

<sup>10</sup> Dr. Octavio de Moraes Veiga foi técnico superior do Instituto Butantan, durante o período de 1916 a 1919, conforme Vaz (1949). Sobre o Dr. Alvarenga, nossa hipótese é de se trata do médico Miguel Zacharias de Alvarenga. Clinicou na Misericórdia Botucatuense na época de Vital Brazil, atuou também como jornalista, fundando o Correio de Botucatu, conforme Godoy (2009). Ao relatar a passagem de seu pai por Botucatu, Lael Vital Brazil menciona que seu consultório era também ponto de encontro dos amigos, entre os quais “o jornalista Miguel Alvarenga” (BRAZIL, L. 2014, p. 94)

a ele<sup>11</sup>. Livros do campo das ciências médicas prevalecem, perpassando temas como clínica médica e medicina tropical. Obras a respeito de venenos ofídicos e de soroterapia chamam a atenção, revelando possíveis fontes que o cientista pode ter consultado dentro do tema que vinha pesquisando e revolucionou a ciência, descobrindo a especificidade dos soros antipeçonhentos.

A coleção reúne exemplares publicados, em sua maioria, entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX, refletindo o pensamento e os avanços científicos desse período. Além da representatividade do ponto vista informacional, os exemplares assumem grande representatividade no contexto em que estão inseridos, pois se vinculam à trajetória do cientista Vital Brazil, do Instituto Butantan e da Biblioteca, três personagens que ao interagirem com a coleção em diferentes momentos de sua jornada, depositaram camadas de histórias e memórias, possibilitaram a formação de uma coleção aurática, que congrega livros únicos, singulares e insubstituíveis, patrimônio bibliográfico da instituição.

#### **4.2 Marcas de proveniência da Coleção Vital Brazil**

Os exemplares que compõem a coleção Vital Brazil apresentam uma gama diversificada de marcas de proveniência bibliográfica, entre as quais etiquetas de livrarias, sobretudo de São Paulo e do Rio de Janeiro, fornecendo pistas sobre o itinerário que percorreram; selos do extinto setor de Gráfica e Encadernação da instituição, permitindo resgatar vestígios que relacionam a Biblioteca a outros setores, favorecendo a preservação da memória de uma área que atuou diretamente com o acervo; e inscrições ainda sob análise, como marcações numéricas que podem remeter a indicações temporais e organizacionais das obras em que estão presentes, o que favorece múltiplas possibilidades de pesquisas, configurando-se como objeto de estudos a partir de diversos prismas.

Apresentam-se a seguir seleções exemplificativas de marcas de proveniência bibliográfica como elementos individualizados que permitem averiguar a interação entre os livros e os atores, que, literalmente, marcaram presença na materialidade dos exemplares. Tais vestígios são a base para a ressignificação desses itens, assim como possibilitam estabelecer relações com a memória do colecionador, acessar fragmentos da trajetória histórica

---

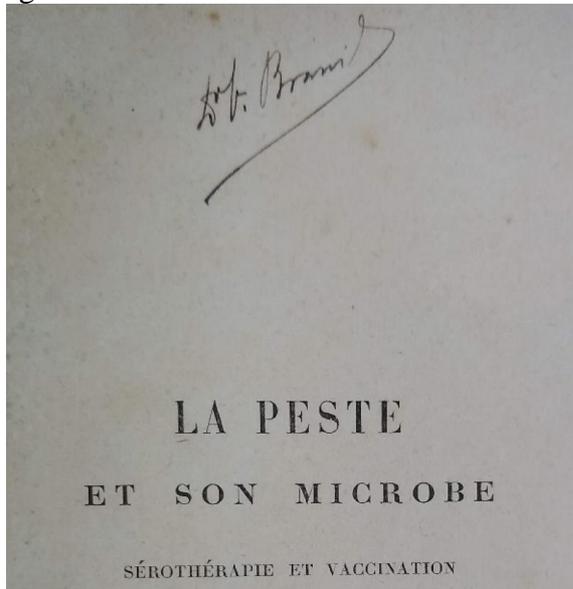
<sup>11</sup> No primeiro semestre de 2021, através das marcas de proveniência, 8 exemplares foram incorporados à coleção, e 1 exemplar foi redirecionado para a coleção que compõe os livros doados pelo Dr. Alvarenga.

institucional e da biblioteca, de modo que, falando em conjunto, evidenciam o caráter de especial e patrimonial que a coleção apresenta. As marcas são agrupadas a partir de duas vertentes: origem pessoal, relacionadas diretamente ao colecionador, e origem institucional, embutidas mediante a institucionalização, relacionadas ao instituto ou à biblioteca. Trabalhou-se com a ideia de livros como sítios arqueológicos (HERITAGE, 2018) respeitando as camadas de marcas de proveniência que foram depositadas primeiro.

### 4.3 Marca de posse

A coleção apresenta 18 itens com a marca de posse de Vital Brazil, constando a assinatura do cientista, inscritas, em sua maioria, na folha de guarda, registrando o “quem”, isto é, a procedência de tais exemplares. O prenome e o sobrenome são precedidos pelo título de Doutor, remetendo à sua qualificação e profissão. Pearson (2019) menciona que esta é uma prática comum entre alguns proprietários de livros, assim como o acréscimo de outras informações pessoais ou sobre o próprio livro, como o valor pago. A titulação está ausente em três exemplares, adquiridos em circunstâncias relacionadas ao contexto de aprendizagem, na ocasião quando era estudante e posteriormente quando esteve em Paris.

Figura 1 - Livro com assinatura de Vital Brazil



Assinatura identificada na obra *La peste et son microbe: sérothérapie et vaccination*, por Netter.  
Fonte: Imagem reproduzida a partir do exemplar.

Dentre as obras com assinatura, algumas estão acompanhadas por marcações temporais, que remetem ao “quando”, o período de aquisição, compreendendo o período entre 1891 e 1904. Perpassam diferentes fases da trajetória acadêmica-científica-profissional do colecionador. Através das indicações temporais e espaciais traçamos a seguinte linha do tempo, que apresenta alguns fragmentos de sua biografia, à luz de Lael Vital Brazil (2014):

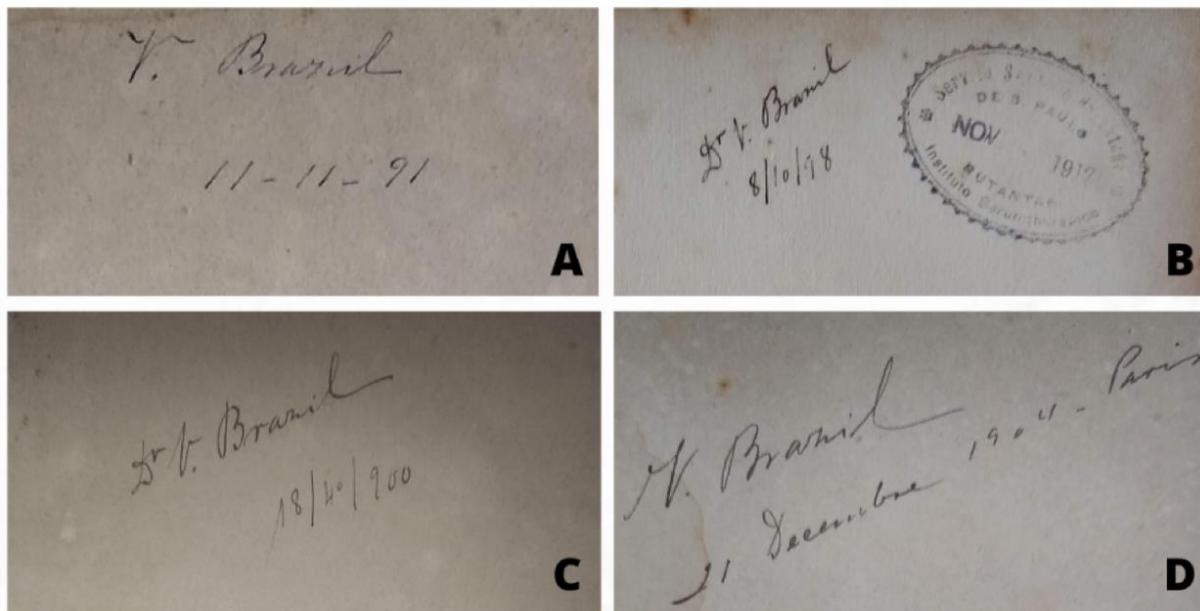
1. 11/11/[18]91: Aquisição da obra *Prophylaxie et géographie médicale des principales maladies tributaires de l'hygiène*, por Léon Poincaré. Neste ano Vital Brazil percorria a etapa final do curso de Ciências médico-cirúrgicas na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O livro traz também a marca de procedência da Livraria Clássica de Alves e Cia. localizada na Rua Gonçalves Dias, Rio de Janeiro.
2. [13]/[10]/[18]96: Aquisição da obra *Formulaire moderne: traitements, ordonnances, médicaments nouveaux*, por R. Vaucaire. Vital Brazil havia deixado no ano anterior o Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, pelo qual foi contratado em 1892 quando regressou à capital do estado. Neste ano, 1896, estava morando com a família em Botucatu, atuando como clínico.
3. 09/04/18[98] a 18/04/[1]900: Aquisição dos exemplares *Traité d'anatomie humaine: anatomie descriptive, histologie, développement*, tomos 1 e 2, por L. Testud, ambos com marcação temporal de 9 de abril de 1898. Aquisição das obras *Traité de médecine et de thérapeutique*, sob a direção dos acadêmicos P. Brouardel e A. Gilbert. Estas obras compreendem um compêndio de medicina, composto por 7 tomos distribuídos entre 9 volumes. Os dois exemplares que compõem a primeira e a segunda partes do quinto tomo possuem assinatura e data de 1898, o sétimo tomo, também assinado, com data de 1900.

Outro compêndio de medicina adquirido neste período é o *Traité de chirurgie clinique et opératoire*, sob a direção dos professores A. Le Dentu e Pierre Delbet. Composto por 10 volumes, cujo primeiro tomo possui assinatura e data de 1898. Também no ano de 1898 adquiriu a obra *Précis iconographique des fractures et des luxations*, autoria do cirurgião alemão Heinrich Helferich.

Conforme Brazil (2014), em 1898 Vital Brazil foi nomeado chefe da Clínica Médica do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Em 1899 foi enviado a Santos, devido ao surto epidêmico de peste bubônica, e em 1900, já de volta a São Paulo, iniciou os trabalhos técnicos no laboratório que originou o Instituto Butantan.

4. 21/12/1904: Vital Brazil adquiriu em Paris as obras *Tropical diseases: a manual of the diseases of warm climates*, de autoria do parasitologista britânico Patrick Manson e *Traité de technique microbiologique a l'usage des médecins et des vétérinaires*, escrito pelos doutores M. Nicolle e P. Remlinger. Neste período, Vital Brazil exercia a liderança do Instituto Serumtherapico de São Paulo, já havia publicado artigos sobre envenenamento ofídico e soroterapia, e apresentou seu trabalho sobre ofidismo no Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, ocorrido no Rio de Janeiro em 1903, ocasião em que recebeu como prêmio uma viagem de estudos à Europa, embarcando em 1904 pela primeira vez ao exterior, onde frequentou os principais centros científicos europeus, como o Instituto Pasteur em Paris (BRAZIL, 2014).

Figura 2 - Livros assinados e datados



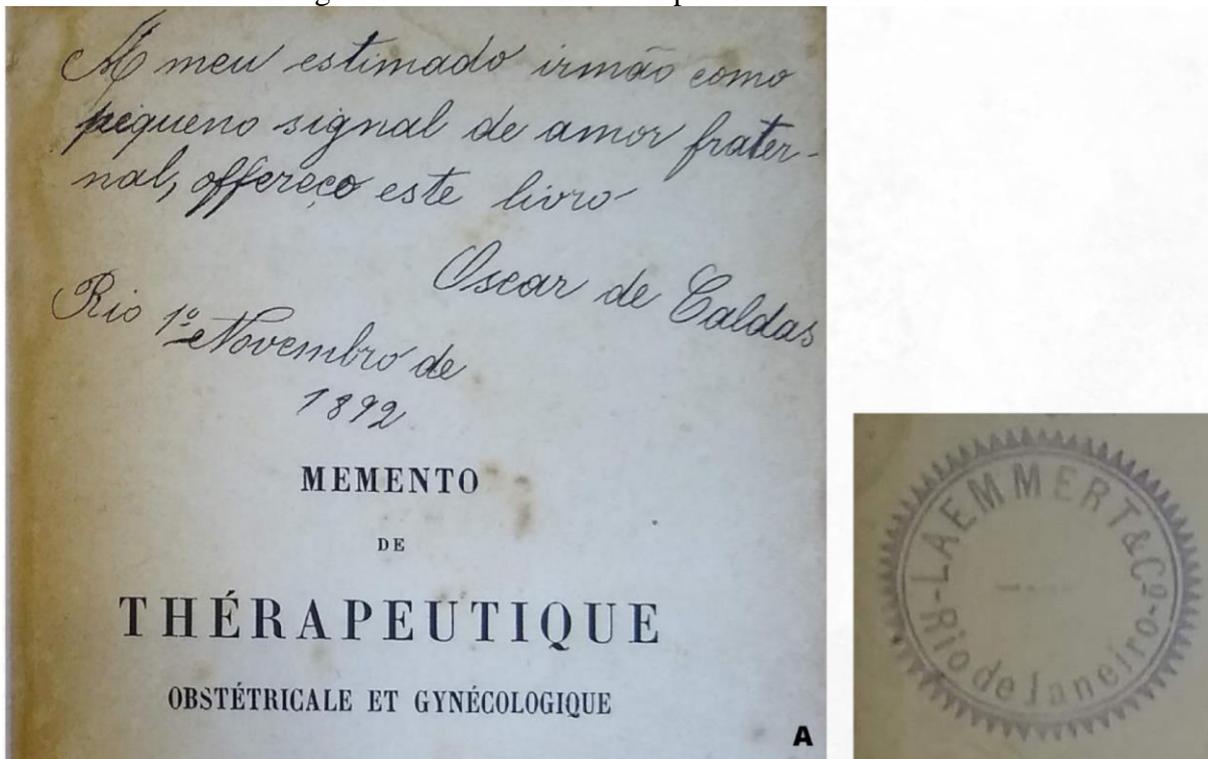
A) Assinatura e data de [18]91, presentes em *Prophylaxie et géographie médicale des principales maladies tributaires de l'hygiène*. B) Assinatura e data de [18]98, presentes em *Traité de médecine et de thérapeutique*. C) Assinatura e data de 18/4/[1]900, presentes em *Traité de médecine et de thérapeutique*, tomo 7. D) Assinatura, data de 21 de dezembro de 1904 e local, Paris, presentes em *Tropical diseases: a manual of the diseases of warm climates*.

Fonte: Imagem reproduzida a partir do exemplar.

#### 4.4 Dedicatórias manuscritas

Na coleção estão presentes 22 exemplares com dedicatórias manuscritas direcionadas a Vital Brazil, dentre as quais 10 foram escritas pelos próprios autores em publicações dedicadas ao cientista. Estas marcas de proveniência remetem a uma parcela da rede de relações que Vital Brazil estabeleceu entre cientistas brasileiros e estrangeiros. Ultrapassam, no entanto, o circuito acadêmico-profissional, englobando dedicatários do núcleo familiar e amistoso. Assim, perpassando vários círculos sociais, possibilitam olhar para o cientista sob a ótica dos diferentes sujeitos que com ele interagiram, revelando múltiplas abordagens discursivas, conforme o tipo de vinculação social. Através da seleção de algumas dedicatórias é possível exemplificar essa dinâmica, pois guardam traços que remetem à relação fraternal, amistosa e profissional.

Figura 3 - Dedicatória escrita por Oscar de Caldas



Dedicatória presente na obra *Memento de thérapeutique obstétricale et gynécologique d'après l'enseignement du Dr. Auvard*, autoria de L. Touvenaint e E. Caubet.

Fotobibliografia, dedicatória A: Ao meu estimado irmão como // pequeno signal de amor frater // nal, offereço este livro // Oscar de Caldas // Rio 1º Novembro de // 1892<sup>12</sup>

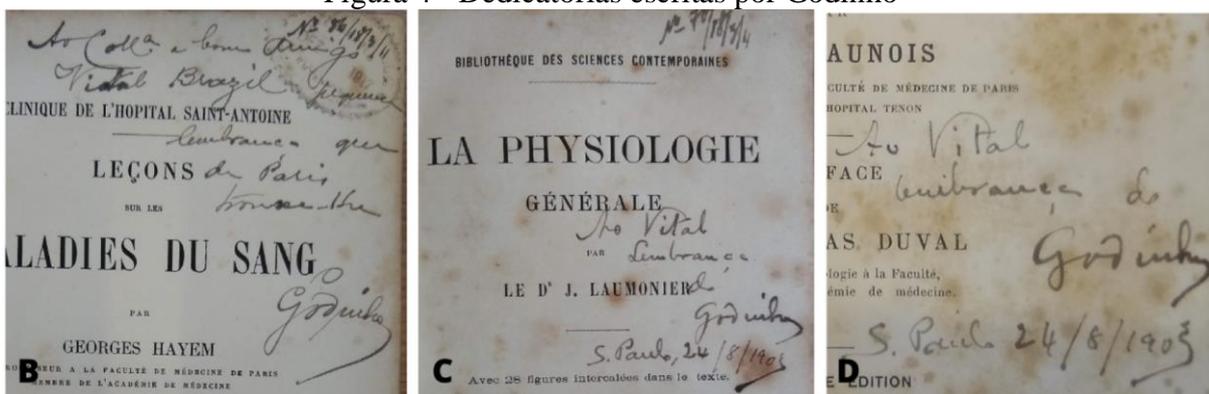
Fonte: Imagem reproduzida a partir do exemplar.

A dedicatória escrita pelo irmão do cientista, Oscar de Caldas, apresenta a marcação temporal de 1892, ano bastante simbólico na trajetória de Vital Brazil. Finalizou o ciclo estudantil, defendeu em janeiro sua tese e obteve o título de doutor em Ciências-médico cirúrgicas, mudou-se do Rio de Janeiro para São Paulo, foi contratado pelo Serviço Sanitário, casou-se em outubro deste ano (BRAZIL, 2014).

A dedicatória é composta por elementos textuais que denotam afetividade, o dedicatário é evocado como “estimado irmão” e o livro, objeto passível de transformação no contexto interacional, é mobilizado como um condutor de afeto, cuja oferta é um “pequeno signal de amor fraternal”, entre dois irmãos, que provavelmente, estavam geograficamente distanciados, o topônimo “Rio” e o carimbo da livraria Laemmert são indícios que de Oscar escreveu a dedicatória no Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> Transcrito conforme o método denominado fotobibliografia ou descrição didascálica, delineado pelo bibliógrafo norte-americano Henry Stevens (1819-1886) e apresentado por Pinheiro (2003).

Figura 4 - Dedicatórias escritas por Godinho



B) Dedicatória presente na obra *Leçons sur les maladies du sang*, autoria de Georges Hayem. C) Dedicatória presente na obra *La physiologie générale*, autoria de J. Laumonier. D) Dedicatória presente na obra *Manuel d'anatomie microscopie et d'histologie*, autoria de P. E. Launois.

Fotobibliografia, dedicatória B: Ao colla. E bom amigo // Vital Brazil pequena // lembrança que // de Paris // trouxe-lhe // o Godinho

Fotobibliografia, dedicatória C: Ao Vital // lembrança // de // Godinho // S. Paulo, 24/8/1903

Fotobibliografia, dedicatória D: Ao Vital // lembrança de // Godinho // S. Paulo 24/8/1903

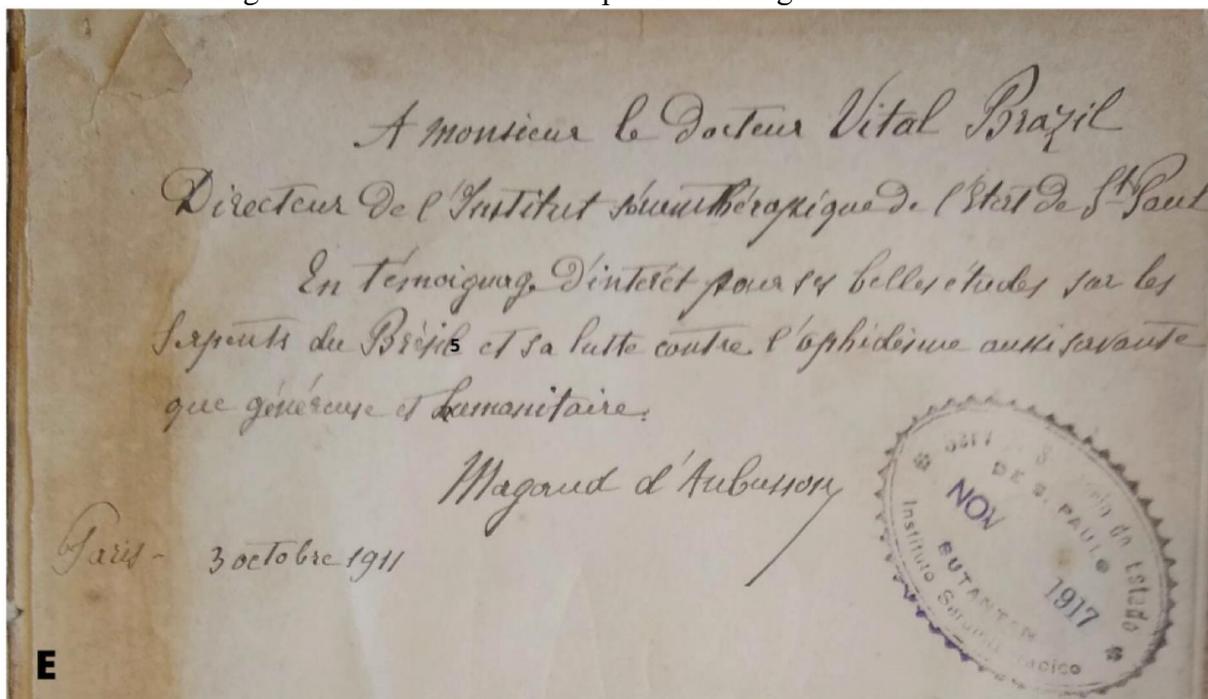
Fonte: Imagem reproduzida a partir dos exemplares.

Deduziu-se que estas três dedicatórias foram escritas pelo médico Victor Godinho<sup>13</sup>, que entre as diversas atividades que desenvolveu estão a fundação e a direção da Revista Médica de São Paulo. Ao pesquisar sobre suas trajetórias, localizamos interações entre ambos, Vital e Godinho, no contexto profissional e pessoal. Na dedicatória de “B” estão ausentes dados de localização e data, mas evidencia que o dedicador esteve em Paris, local de proveniência do livro que ofertou. Na “C” e na “D” constam os mesmos dados de marcação espacial, São Paulo, e temporal, agosto de 1903. Assim, em termos estruturais, na primeira dedicatória o dedicatário é evocado através dos vocábulos “colega” e “bom amigo”, nas demais apenas pelo prenome. O livro é apresentado com uma “lembrança”, um objeto de recordação entre os sujeitos da ação ofertar-receber. As dedicatórias se encerram com a assinatura do dedicador, local e data, exceto na primeira. Nas dedicatórias, a relação amistosa se expressa através do conjunto lexical “colega”, podendo remeter ao vínculo profissional, e “bom amigo”, mais atrelado ao âmbito pessoal. A forma direta de se dirigir ao dedicatário, assim como a extensão dos textos, marcados pela brevidade, denotam proximidade entre os envolvidos.

<sup>13</sup> Síntese biográfica consultada em:

<http://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/acervos/correspondencias/correspondencia-cientifica/victor-godinho>.

Figura 5 - Dedicatória escrita por Louis Magaud d'Aubusson



E) Dedicatória presente na obra *Les gallinacés d'Asie: catalogue raisonné par régions des espèces qu'il y aurait lieu d'acclimater et de domestiquer en France*, autoria de Magaud d'Aubusson.

Fotobibliografia, dedicatória E: A monsieur le docteur Vital Brazil // Directeur de l'Institut sérumtherapique de l'état de St Paul // En témoignage d'intérêt pour les belles études sur les serpents du Brésil et sa lutte contre l'ophidisme aussi savante // que généreuse et humanitaire // Magaud d'Aubusson // Paris - 3 octobre 1911

Fonte: Imagem reproduzida a partir do exemplar.

A dedicatória do próprio autor, o ornitólogo francês Magaud d'Aubusson, diferente das anteriores, é caracterizada por um tom mais formal, expresso linguisticamente através do pronome tratamento “monsieur” (senhor) e do título “docteur” (doutor), somado a isso, a dedicatória está direcionada ao Vital Brazil na posição de diretor do Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo, o que justifica o tipo de abordagem.

No parágrafo seguinte foi expresso o reconhecimento pela contribuição de Vital Brazil aos estudos acerca da ofiologia (“les belles études sur les serpents du Brésil”) e do seu protagonismo na luta contra o ofidismo (“sa lutte contre l'ophidisme”). A descoberta da especificidade dos soros antipeçonhetos e criação do soro antiofídico polivalente, bem como as demais pesquisas sobre envenenamento, alçaram Vital Brazil no meio científico internacional, conquistando o respeito e a admiração entre os pares, assim como entre estudiosos de diferentes áreas. Em 1911, mesmo ano indicado na dedicatória, foi lançada uma edição em português e outra em francês da obra seminal do cientista *A defesa contra o ophidismo*, conquistando ampla divulgação e se tornando uma referência da área (MOTT *et al.*, 2011).

A dedicatória se encerra com a assinatura do dedicador e com a indicação espacial, Paris, e temporal, outubro de 1911. Estruturalmente, as dedicatórias analisadas apresentam os elementos observados por Freire (2013) em seu estudo. Assim, inicialmente há o uso de combinação “ao”, a identificação do dedicatário, que permite vislumbrar o vínculo entre ele e o dedicador, assinatura ou rubrica de quem as escreveu e menção de local e data.

#### **4.5 Carimbos do Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo**

Os carimbos de tinta do Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo estão presentes em 90 das 102 obras da coleção, embutidos, em sua maioria, na página de rosto. Estas marcas de proveniência, assinalam a institucionalização dos exemplares, e remetem às origens do Instituto, quando este atendia pela designação de Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo. O vocábulo “serumtherapico” atrela-se à atividade primária da instituição, como produtora de soros (sérums) antipestosos e antiofídicos, atendendo à sua missão de trabalhar em prol da saúde pública.

Em 1925 a instituição foi rebatizada, em virtude da fusão com os institutos Bacteriólogo e Vaccinogenico, compondo uma seção única do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, sob o nome de Instituto Butantan, nomenclatura que coloca em evidência a localização onde o instituto está situado, remetendo à antiga Fazenda Butantan, adquirida para sediar a instituição, e que preserva até os dias de hoje a grafia do topônimo escrito com a letra n, diferentemente do nome do bairro que é grafado com til, “Butantã”. Estes carimbos, atestam, portanto, que tais obras foram incorporadas anteriormente à reorganização do Instituto, e permitem verificar que naquele momento as obras se vinculavam ao Instituto e não à Biblioteca, tendo em vista que esta se institucionalizou em 1918.

A presença desses carimbos foi fundamental para a identificação das obras relacionadas na listagem que comprova a doação realizada por Vital Brazil em 1917. As obras da coleção apresentam carimbos dos Instituto Serumtherapico com três diferentes demarcações temporais, revelando que foram incorporadas ao patrimônio institucional entre novembro de 1917 e janeiro de 1918.

No entanto, 4 exemplares apresentam carimbos de momentos anteriores a 1917, o que revela a circulação de livros nas dependências do Instituto antes da doação realizada naquele ano, contemplando, assim, os anos de 1910 e uma obra que, além de carimbo de 1918, possui

um carimbo datado de 1902, *Précis de microbie: technique et microbes pathogènes* por L. H. Thoinot e E. J. Masselin, o carimbo institucional mais antigo identificado no acervo, atrelando-se à fase inicial do Instituto, constituído como instituição autônoma em 1901. A lista de doação de 1917 e os carimbos referentes a esta ação, reforçam, portanto, a institucionalização de tais exemplares.

Os carimbos possibilitaram extrair as informações do sujeito institucional como proprietário, Instituto Serumtherapico do Estado do Estado de São Paulo. A marcação temporal de aquisição perpassa os meses de novembro e dezembro de 1917 e janeiro de 1918. A indicação de local, neste caso, se relaciona à localização do Instituto, baseado no Estado de São Paulo.

Figura 6 - Carimbo com marcação temporal mais antiga identificado em livro do acervo



Fonte: Imagem reproduzida a partir do exemplar.

Figura 7 - Carimbos do Instituto Serumtherapico do Estado de São Paulo



Carimbos de novembro de 1917, dezembro de 1917 e janeiro de 1918. Apresentam os dizeres “Serviço Sanitário do Estado // de S. PAULO // [data] // BUTANTAN // Instituto Serumtherapico”.

Fonte: Imagem reproduzida a partir do exemplar.

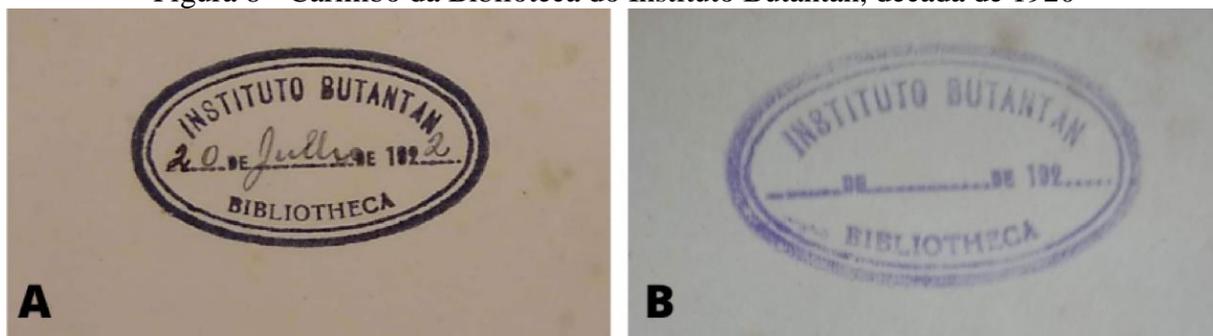
#### 4.6 Carimbos da Biblioteca do Instituto Butantan

Foram identificados 3 padrões de carimbos utilizados pela Biblioteca em diferentes períodos de sua trajetória:

- i. Carimbo de tinta da Biblioteca presente em 1 exemplar com demarcação temporal incompleta, sendo, no entanto, possível situá-lo nos anos de 1920, pois apresenta o algarismo 2, referente a essa década.

Considerou-se que o ano de 1918 marca a institucionalização da Biblioteca, uma vez que anteriormente havia a ideia de uma biblioteca, mas não como setor autônomo, com infraestrutura, equipe de profissionais especializados, organização do material bibliográfico e prestação de serviços à comunidade. Naquele ano, Arthur Reis assumiu o primeiro cargo de bibliotecário e em 1922 assinou um importante documento para a narrativa-histórica do acervo, o livro de registro de entrada de livros, que atesta que naquele momento havia a realização de procedimentos biblioteconômicos e traz uma marca bastante significativa para a trajetória da Biblioteca: o primeiro padrão de carimbo portando os dizeres “Instituto Butantan – Bibliotheca”, o carimbo que passa a atrelar os livros diretamente à Biblioteca, e o exemplar identificado na CVB é um exemplo dessa dinâmica.

Figura 8 - Carimbo da Biblioteca do Instituto Butantan, década de 1920



A) Primeiro padrão de carimbo da Biblioteca identificado até o momento, datando dos anos 1920, embutido no livro de registro de obras do acervo. B) Carimbo presente na obra *Tropical diseases: a manual of the diseases of warm climates*, por Patrick Manson.

Fonte: Imagem reproduzida a partir do documento e do exemplar

- ii. Carimbo de tinta da Biblioteca presente em 8 exemplares com demarcação temporal incompleta, e em apenas 2 o ano de 1942 foi preenchido à mão, contabilizando dez obras com este tipo de carimbo. Analisando comparativamente os carimbos sem preenchimento completo de data com os preenchidos, atribuiu-se aqueles à década de 1940, pois possuem o mesmo padrão dos datados de 1942, e concluiu-se que o carimbo anterior atrela-se à passagem do primeiro bibliotecário, e este vincula-se à atuação da segunda bibliotecária, Josefa Navas Fontes, que assumiu o cargo após a saída de Arthur Reis em 1924.

Figura 9 - Carimbos da Biblioteca do Instituto Butantan, década de 1940



C) Carimbo presente na obra *Traité de pathologie spéciale et de thérapeutique des maladies internes*, autoria de Adolphe Strumpell. D) Carimbo embutido em *Traité d'hématologie*, por Fernand Bezançon e Marcel Labbé.  
Fonte: Imagem reproduzida a partir dos exemplares.

- iii. Carimbo em relevo da Biblioteca sem indicação temporal, presente em 78 exemplares. Este carimbo se distingue dos demais não só pelo seu método de impressão em que se utiliza uma chancela, mas também por apresentar o vocábulo “biblioteca” representado com a grafia atual. Na língua portuguesa, o dígrafo de origem grega *th* era utilizado em palavras como “biblioteca” e “teatro” (*bibliotheca*, *theatro*) cujas grafias preservavam a herança etimológica. Em virtude do Formulário Ortográfico da Língua Portuguesa de 1943, adotado pela Academia Brasileira de Letras, a ortografia foi simplificada, eliminando-se os dígrafos de consoantes duplas, entre eles o *th* e o *ph*, presente em palavras como “farmácia” (“*pharmacia*”)[13]. Assim, carimbos que apresentam a palavra “biblioteca” grafada com o dígrafo *thsão*, em tese, anteriores a 1943 e o carimbo em relevo, com a grafia atualizada do vocábulo “biblioteca” é

posterior a 1943, o qual é utilizado até os dias atuais para assinalar nos livros o pertencimento à Biblioteca.

Figura 10 - Carimbo em relevo da Biblioteca do Instituto Butantan



Carimbo em relevo presente na obra *La peste et son microbe: sérothérapie et vaccination*, por Netter.  
Fonte: Imagem reproduzida a partir do exemplar.

A presença de diferentes carimbos revela que as obras passaram por (re)processamento técnico ao longo de sua existência no acervo, de maneira que novas marcas de proveniência se agregaram a elas, primeiramente referentes ao Instituto, depois aos procedimentos biblioteconômicos adotados no âmbito do sujeito institucional Biblioteca como proprietária, posteriormente ao Instituto Serumtherapico. A marcação temporal perpassa as décadas de 1920 e 1940 em diante, tendo em vista que um dos carimbos é ainda utilizado.

#### 4.7 Ficha de registro de consulentes

Itens da coleção trazem consigo vestígios de sua requisição como fontes de pesquisas científicas, tais evidências estão presentes nas fichas de registro de consulentes, entendidas como marcas de proveniência bibliográfica, na medida em que possibilitam extrair informações da obra, do leitor (quem) e da temporalidade (data de empréstimo/saída - data de devolução/chegada). As fichas são testemunhos da circulação de tais exemplares entre os pesquisadores que as consultaram, revelando a interação destes com o acervo e tornando possível averiguar ressonâncias dessas leituras nas pesquisas que desenvolveram.

Figura 11 - Ficha de registro de consulentes

FONTANA, FELIX		
Traité sur le venin de la vipere... v.1		
955		
598.126 F679 v.1		
ENTREGA	ASSINATURA	DEVOLU- ÇÃO
27/6/51	G. Rosenfeld	33-66
29/4/69	Linda Nahas	29/4/69

Fonte: Imagem reproduzida a partir do exemplar.

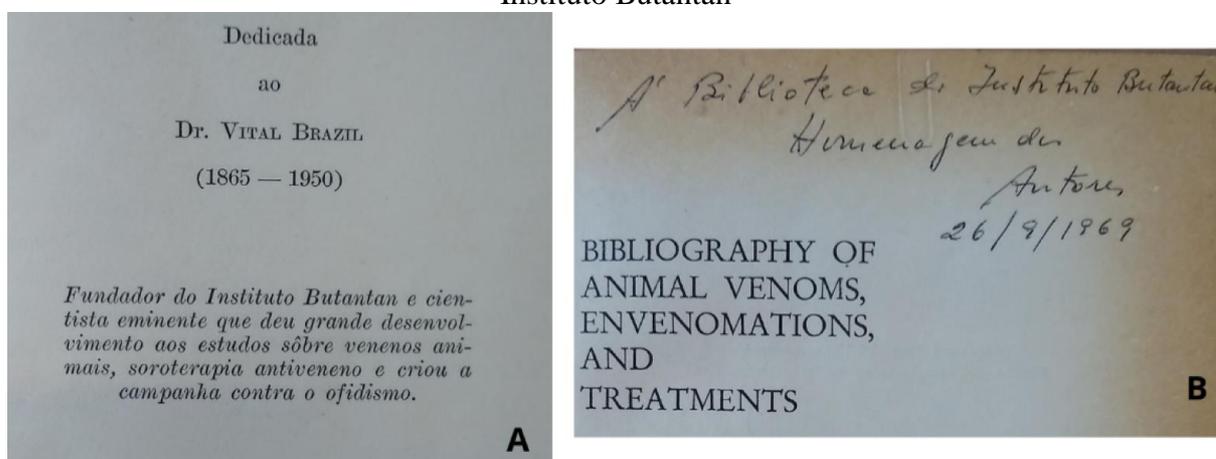
Esta ficha apresenta o registro de empréstimo da obra *Traité sur le venin de la vipere* (1781, v.1) ao pesquisador Dr. Gastão Rosenfeld, que permaneceu com ela ao longo de sua segunda passagem pelo Instituto Butantan, entre 1951 e 1966, período em que assumiu a função de médico-chefe do Hospital Vital Brazil, especializado no atendimento a pacientes acometidos por picadas de animais peçonhentos. No ano de 1969 esteve nas mãos da pesquisadora Dra. Linda Nahas, médica formada pela Escola Paulista de Medicina, cuja trajetória no Instituto Butantan começou com um estágio em 1946, sob orientação do Dr. Gastão Rosenfeld. A obra foi consultada no ano em que assumiu a Diretoria do Serviço de Fisiopatologia do Instituto<sup>14</sup>. Podemos extrair, então, os dados do “quem”, no caso dois consulentes, a informação temporal, “quando” e o “onde” atrela-se ao contexto institucional. Verificamos que a ficha de consulentes é uma marca poderosa para resgatarmos a trajetória de um livro, registro hoje feito de forma automatizada, sem deixar vestígios físicos na obra.

Rosenfeld e Eva Kelen, também pesquisadora da instituição, ambos com vasto conhecimento sobre animais peçonhentos, envenenamento e terapêutica, publicaram uma

<sup>14</sup> Informações sobre os pesquisadores consultadas em Wen [2006] e Machado (1980/1981).

bibliografia intitulada *Bibliography of animal venoms, envenomations and treatments* (1969), obra de referência. Entre os autores mencionados em sua bibliografia constam Felice Fontana, autor de *Traité sur le vénin de la vipere*, e Vital Brazil, o qual já trabalhara com o estudo de Fontana no desenvolvimento de *A defesa contra o ophidismo*, o que mostra as ressonâncias dos estudos de um cientista sobre a produção intelectual de outros, concatenação de teorias típica do fazer científico. Esses autores prestaram homenagem a Vital Brazil em forma de dedicatória impressa em seu trabalho e também dedicaram um exemplar à Biblioteca.

Figura 12 - Dedicatória impressa a Vital Brazil e dedicatória manuscrita à Biblioteca do Instituto Butantan



Fotobibliografia, dedicatória A: Dedicada // ao // Dr. Vital Brazil // (1865 – 1950) // Fundador do Instituto Butantan e cien // tista eminente que deu grande desenvol // vimento aos estudos sobre venenos ani // mais, soroterapia antiveneno e criou a // campanha contra o ofidismo. Fotobibliografia, dedicatória B: À Biblioteca do Instituto Butantan // Homenagem dos Autores // 26/9/1969

Fonte: Imagem reproduzida a partir dos exemplares.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através de um breve panorama sobre CVB observa-se o protagonismo das marcas de proveniência bibliográfica na formação da coleção, bem como na ressignificação dos exemplares. Nota-se, ainda, a importância de consultar fontes documentais complementares, que possam auxiliar a análise dos exemplares, trazendo informações que corroborem para deslindar passagens de sua jornada. Assim, ao realizarmos uma leitura contextualizada de um conjunto de marcas de proveniência bibliográfica embutidas em exemplares da CVB, foi possível vislumbrar as ressonâncias que estabelecem com a trajetória histórica do cientista Vital Brazil, do Instituto Butantan e da Biblioteca.

As marcas de posse deixadas pelo cientista estabelecem entre ele e as obras um vínculo permanente, e aquelas com marcação temporal e espacial apontam interesses de leituras presentes em diferentes momentos de seu percurso acadêmico-científico-profissional. As dedicatórias possibilitaram reconstruir uma parcela de sua rede de sociabilidade, perpassando diferentes círculos sociais, desde o núcleo familiar à esfera pública, associada à sua representatividade no meio científico. Complementarmente, permitiram olhar para o cientista sob a ótica de diferentes sujeitos, relevando abordagens discursivas articuladas a diferentes níveis internacionais e conforme a vinculação social.

Na perspectiva institucional, as marcas de proveniência vinculam tais livros aos primórdios do Instituto Butantan, documentam, assim, parte deste histórico institucional, registrando através de carimbos um período específico de sua trajetória, anterior à fusão com outros institutos de pesquisas. As marcas permitiram, ainda acessar passagens da narrativa história da Biblioteca através de seus carimbos, que remetem ao processamento técnico realizado ao longo de diferentes décadas. A ficha de consulentes registra a circulação do exemplar como fonte de pesquisa, tornando-se testemunho da interação entre os pesquisadores e o acervo.

Assim, as marcas de proveniência, a nosso ver, têm dupla função informativa: na perspectiva administrativa, evidenciam o processo de institucionalização ao qual o livro foi submetido, na medida em que definem propriedade e atribuem à obra o sentido de pertencimento à coleção; e na perspectiva histórica - temporal, possibilitam evidenciar as múltiplas interações ao longo do tempo, portanto contextualizadas, entre o livro, os autores, os proprietários (individuais ou institucionais) e os leitores, e, com isso, conferem outros significados à obra, o que possibilita a construção de uma narrativa para além de critérios meramente administrativos de desenvolvimento de coleções e define seu potencial de contribuir para a ressignificação dos acervos.

Por outro lado, embora as marcas de proveniência sejam normalmente relacionadas aos acréscimos inseridos em uma publicação, sua ausência intencional e, principalmente, suas subtrações por meio de rasuras, remoção, corte etc. embutem também o potencial para trazer à tona outras narrativas, que não podem ser desprezadas.

Deste modo, o tema embute um paradoxo positivo para reflexão, pois se o processo de impressão industrial dos livros possibilitou a padronização e multiplicação dos exemplares, para atingir mais leitores, por outro lado, este processo de circulação confere a

essas mesmas obras, o potencial de se tornarem exemplares únicos, insubstituíveis, pelas marcas que agregam e pelo significado que carregam ao possibilitar a leitura contextualizada dos seus registros e se aproximam do conceito de “aura” concebido por Walter Benjamin (1935-1936) no contexto da arte. Como “uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1985, p. 170).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Diva; VERGUEIRO, Waldomiro. *Aquisição de materiais de informação*. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1996. 118 p.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. A doação da biblioteca João do Rio ao Real Gabinete Português de Leitura: aspectos de uma história pouco conhecida. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 15, n. 3, p. 233-249, set./dez. 2010.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In.*: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 3. ed. (Obras escolhidas, I).

BRAZIL, Lael Vital. *Vital Brazil, meu pai*. São Paulo: PerSe, 2014.

CATALDO, Fabiano; LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Afinal, os objetos falam? Reflexões sobre objetos, coleções e memória. *In.*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., [p. 1-20], 2019, Florianópolis.

CORTES, Márcia Della Flora; NUNES, João Fernando Igansi. Ex-líbris: formas culturais de memória. *Revista de Ciências Humanas*, v. 6, n. 1, Edição Especial, 2020.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO CIÊNCIAS DA SAÚDE NO BRASIL (1832-1930). Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/index.php>. Acesso em: 06 jun. 2021.

DINSDALE, Ann *et al.* (colab.). *Os manuscritos perdidos de Charlotte Brontë*. São Paulo: Faro Editorial, 2019.

FARIA, Maria Isabel Ribeiro de; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.

FREIRE, Stefanie Cavalcanti. *Dedicatórias manuscritas: relações de afeto e sociabilidade na biblioteca de Manuel Bandeira*. 2013. 406 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de

Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GODOY, Olavo Pinheiro. *Ruas Botucatuenses*: inventário sobre a história dos homenageados nas placas da cidade. Botucatu, 2009.

HERITAGE, Bárbara. A arqueologia do livro. In: DINSDALE, Ann *et al.* (colab.). *Os manuscritos perdidos de Charlotte Brontë*. São Paulo: Faro Editorial, 2019. p. 22-69.

LEUNG, Colette. *The journeys of books: rare books and manuscripts provenance metadata in a digital age*. 2016. 263 f. Thesis (Master of Arts in Humanities Computing and Master of Library and Information Studies) – School of Library and Information Studies, University of Alberta, Edmonton, 2016.

MACHADO, Jesus Carlos. Homenagem a Linda Nahas. *Memórias do Instituto Butantan*, v. 44/45, p. 1-2, 1980/1981.

MEDEIROS, Joice de. *Contribuição das marcas de proveniência ao patrimônio bibliográfico e científico do Instituto Butantan*. 2020. 106 p. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. *Estudos históricos*, v. 11, n. 21, 1998. Arquivos pessoais.

MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 4. ed. Brasília, D.F.: Briquet de Lemos; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

MOTT, Maria Lucia et al. A defesa contra o ofidismo de Vital Brazil e a sua contribuição à Saúde Pública brasileira. *Cadernos de História da Ciência - Instituto Butantan*, v. 7, n. 2, jul./dez. 2011.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O Colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. especial, p. 87-104, 1. sem./2009.

OVERMIER, Judith A.; DOAK, Elaine M. Provenance record in rare book and special collections. *Rare Books & Manuscripts Librarianship*, v. 11, n. 2, p. 91-99, 1996.

OVERMIER, Judith A.; SENTZ, Lili. Medical Rare Book Provenance. **Bull. Med. Libr. Assoc.**, v. 75, n. 1, jan. 1987.

PEARSON, David. *Provenance research in book history: a handbook*. Oxford: Bodleian Library, 2019.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. Metodologia para inventário de acervo antigo. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, v. 123, p. 9-31, 2003.

SANTOS, Ana Rosa; WEITZEL, Simone da Rocha. O livro impresso e o descarte das últimas cópias do século XX: uma questão de preservação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2017, Fortaleza. *Anais ... Fortaleza* : UFC, 2017

SENADO FEDERAL (BRASIL). *Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa: atos internacionais e normas correlatas*. 2. ed. Brasília: Senado Federal, 2014.

TAVARES, Manuel; RICARDO, Maria Manuel C. Breve história do acordo ortográfico. *Revista Lusófona de Educação*, v. 13, p. 173-180, 2009.

VAZ, Eduardo. *Fundamentos da história do Instituto Butantan: seu desenvolvimento*. São Paulo: [Instituto Butantan], 1949.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Desenvolvimento de coleções*. São Paulo: Polis, 1989

WEITZEL, Simone da Rocha. *Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias*. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

WEN, Fan Hui *et al.* Memória iconográfica do Instituto Butantan: o acervo Gastão Rosenfeld. *Cadernos de História da Ciência*, São Paulo, v. 2, p. 151-166, [2006].